

A MUSA DE UM POETA

Por MÁRIO LINHARES

Faleceu nesta capital, a 8 de setembro último, D. Maria Salazar Fiuza de Pontes. O que foi a existência dessa excelsa criatura, somente os que tiveram a fortuna de privar de seu convívio, poderão avaliar.

Viúva do ilustre poeta cearense Antônio Fiuza de Pontes, falecido em Fortaleza a 19 de fevereiro de 1909, toda a sua viuvez foi dignificada pelo culto à memória de seu poeta.

Deu a mais formosa lição de amor à poesia, oferecendo um exemplo raro às suas irmãs de sexo, por vezes, indiferentes à delicadeza desse romantismo que brota do fundo de nosso coração.

É grato vêr como ainda se abre a flor de tamanha sensibilidade, nesses tempos de grosseiro materialismo. Soube ela sempre ser digna de seu poeta, daquella que a glorificara em seus versos, como sagrado motivo de sua inspiração.

Nos quatorze primeiros anos de sua viuvez, trancara-se, como num túmulo, na solidão de sua casa, para somente voltar à vida forçada pelo dever da educação de sua única filhinha — Maria Consuelo, hoje, ligada, como ela, ao destino de outro poeta, — Faustino Nascimento.

Fiuza de Pontes, que eu revivi em "Poetas Esquecidos", como uma das mais belas expressões da poesia cearense, cantou assim, entre outras composições de um florilégio que deixou esparso, a sua encantadora companheira:

"MARIA

Nunca me deixarás sozinho, no abandono
Do improfícuo lutar de um ser desprotegido !
És de meu coração e ocupas nêle um trono
Que, para teu fulgor, conservo em pompa erguido !

Deixa, amada mulher, meu fiel anjo patrono,
Em meus sonhos cair o brilho estremecido
De teu sagrado olhar, porque feliz tenciono
Tôda a vida transpôr, de teu olhar seguido.

Deixa minha alma encher tua imensa virtude,
Pois te encontrei no mundo antes que outro pudesse
Descobrir-te, querer-te e amar-te, como eu pude !

Deixa, sequioso, haurir apaixonado e imune
Os teus beijos e vêr que todo o dia cresce
Esse glorioso amor que, tão forte, nos une ! "

Não se soube de casal mais ditoso, vivendo os dias de mais efusiva alegria, na delícia de um idílio perene.

A morte súbita de Fiuza de Pontes abateu também a esposa para o resto da vida, vida que se transformou num holocausto, no constante desejo de morrer, para acompanhá-lo e unir-se a êle novamente.

E, quando há poucos dias, morria, tinha ela o sorriso angélico dos que fazem a romagem para uma vida melhor, mais pura, mais luminosa e feliz...

Foi satisfeito o seu último desejo: — levar como travesseiro as suas cartas de noivado. Sua morte foi um epitalâmio.

Bem haja a vida de uma criatura que foi, em gloriosa transfiguração, o símbolo augusto da mulher brasileira, no que tem ela de magnificência em virtudes morais, em beleza de sentimentos, na sublimação de amor e devoção religiosa aos manes do poeta a quem inspirara os mais lindos versos.